

# COMUNICAÇÃO DE CLASSE E DE GÊNERO: o caso Eva Perón

SÉRGIO CAPPARELLI\*

**RESUMO:** Analisa o papel de Eva Perón na política Argentina no período de 1946 a 1952 e enfoca tipos e objetivos da comunicação de classe e gênero estabelecidos como apoio ao populismo e ao Governo Perón.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação - Gênero - Política

**ABSTRACT:** This study analyses Eva Perón's role in Argentina politics from 1946 until 1952. It focuses the types and aims of class and gender communications established to support populism and Perón's Government.

**KEY-WORDS:** Communication - Class - Politics

---

\* Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Paris, França. Professor do Curso de Mestrado em Comunicação da FABICO/UFRGS.

"A mulher que dança o tango deve possuir dons adivinhatórios. Recomenda-se que ela se faça transparente, quase mediúnica, capaz de decodificar alguns segundos antes as ordens de seu cavalheiro, antes que ele mesmo saiba qual posição viciosa, perversa ele vai impor ao seu pé. Dançando, eu me lembro de um cavalo em que gostava de montar. Eu me lembrava da maneira delicada com que ele ficava à minha escuta e como ele sabia parar, caso percebesse em mim a menor hesitação quanto ao caminho a seguir. [...] Para uma mulher, dançar o tango é tornar-se um cavalo divinamente sensível, é obedecer as ordens mais sutis e mais silenciosas do cavalheiro de pernas de ferro" (Ortiz, 1984).

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo de Comunicação e mudanças sócio-culturais na Argentina dos anos 1940-1950 tem a *mis-en-scène* de uma dança. E como a análise trata da mulher num processo histórico concreto, esta dança então é o tango porque uma mulher dançando o tango, "é tornar-se um cavalo divinamente sensível, é obedecer as ordens mais sutis e mais silenciosas do cavalheiro com pernas de ferro" (Ortiz, 1984, p. 30). Por outro lado, neste estudo o tango é um país, a Argentina, e a dança - dama, cavalheiro e ritmo - uma expressão de gênero e de classe, no sentido que lhe dá Joan Scott:

"Minha definição de gênero tem duas partes e diversas sub-partes. Elas estão ligadas entre si mas deveriam ser distintas na análise. O núcleo essencial da definição repousa na relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma maneira primordial de significar as relações de poder, apesar da direção da mudança não seguir necessariamente um sentido único" (1988, p.141).

É bom dizer que existe no centro de Buenos Aires, na esquina da Avenida 9 de Julho com a Avenida Corrientes, um importante monumento histórico, o obelisco, dedicado, segundo se diz, ao *machismo* argentino. Vamos discutir então o gênero num momento específico da história argentina quando um cavalheiro, Juan Domingo de Perón, e a dama, Eva Perón, estavam no poder. E temos sobretudo a intenção de mostrar que estereótipos, imagens e símbolos de formas aparentemente simples e diretas tornam-se multiformes e complexas; que a vida simbólica cria linhas curvas

para chegar à realidade; e, finalmente, que as relações de poder dama/cavalheiro podem ter ligações estreitas com o poder econômico, político ou cultural.

Trata-se, aqui, de uma análise exploratória. Temos consciência de suas limitações teóricas no domínio do estudo de gênero e, em seguida, pela existência de um sentimento bizarro de entrar num terreno cheio de sinais de advertência. Para atravessar algumas dessas limitações, escolhemos seguir a trajetória de uma dama, Eva Perón, na cena política argentina. Essa trajetória vai de 1946, quando ela começa a sonhar em ser uma artista de Hollywood, até 1953, quando, no seu leito de morte, ela planeja a distribuição de armas aos trabalhadores.

Nesse trajeto vamos seguir também as hipóteses (1) Eva Perón não teve um papel tradicional enquanto a mulher do presidente Juan Domingo de Perón mas ela partilhou a ação política com ele, com uma divisão de poderes que se traduziu também por uma divisão complementar do trabalho; (2) Um exemplo da partilha do poder e da divisão do trabalho foram as medidas que Eva Perón tomou em relação à comunicação de classe e à comunicação de gênero, enquanto mediadora da verticalidade das relações entre o poder e as classes populares dentro do populismo, na extensão da esfera doméstica sobre a cena política e da cena política sobre a cena doméstica; e (3) a participação de Eva Perón na esfera pública teve o significado de *blurring of gender*, num deslocamento do sentido de *blurring of genre* (Taylor, 1983, p.19-35).

Nosso caminho, segundo o de Eva Perón, começará por uma análise da comunicação ( uma série de negociações, de trocas ou de conflitos entre indivíduos, grupos, classes, nações, nas relações de força/poder, o poder, aqui, na condição de contexto destas forças). Nosso caminho deve então percorrer duas direções: (1) Eva Perón e a comunicação de classe e (2) Eva Perón e a comunicação de gênero.

Estes dois níveis operam de uma maneira simultânea. Pode-se perguntar se o primeiro nível não contém o segundo ou se, com frequência, o segundo não penetra no primeiro. Em parte, sim, porque eles se imiscuem nas duas direções sendo a divisão apenas um procedimento didático.

Dito isso, é preciso esclarecer o populismo enquanto um conceito chave.

Nós o empregamos segundo a definição de Weffort:

"[...] uma estrutura institucional de tipo autoritário e semi-corporativo, uma orientação política de tendência nacionalista, antiliberal e antioligárquica; uma orientação econômica de tendência nacionalista e industrial; e uma composição social policlassista que tem o apoio majoritário das classes populares" (1978, p. 80).

Para compreender a comunicação de classe, a comunicação de gênero e o populismo, busquemos seus antecedentes históricos.

## 2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A Argentina se parecia muito aos países novos com frentes pioneiras ao fim do século XIX. O país tinha adotado em 1876 uma política de povoamento através da imigração e, assim, milhões de italianos, espanhóis, franceses, ingleses, alemães e russos etc. atravessaram o oceano pelo Novo Mundo. Mas eles encontraram uma Argentina diferente de outros países como a Austrália ou o Canadá: (1) as formas de apropriação do solo levaram à formação de grandes propriedades especializadas na agricultura e na pecuária e (2) foram precisos grandes investimentos de capitalistas estrangeiros, especialmente britânicos, para manter essa divisão internacional do trabalho onde a Argentina era tida como supridora de produtos primários.

A falta de uma tradição das famílias no litoral bem como a ausência das estruturas de classe importadas da Espanha e a inexistência de uma mão-de-obra barata foram um traço característico da oposição entre este mesmo litoral e as províncias do interior do país.

“Estes fatores ajudaram a formação de uma identidade étnica diferente para o litoral da Argentina que, combinada com uma orientação natural para o comércio a partir de uma cidade portuária, fizeram de Buenos Aires uma sociedade relativamente aberta” (Béarn, 1975, p. 42).

Taylor considera que estas características permitiram aos argentinos perceberem dentro de seu país um confronto entre a Europa e a América do Sul, os moradores de Buenos Aires com os olhos voltados para a Europa, seja por serem imigrantes, seja porque o comércio exterior era um traço de união entre as camadas ricas da Argentina e os interesses dos negócios no Exterior (1979, p. 23).

Esses grandes domínios - latifúndios - tinham surgido durante as guerras contra os índios, quando os oficiais recebiam terras como recompensa por suas vitórias. A produção tinha grandes excedentes, exportados para o Exterior e se pode dizer que “o latifúndio e a orientação da economia para o Exterior eram estreitamente ligadas” (Perón, 1952, p. 44). Ou, segundo Feinmann, o projeto liberal tinha sido claro, isto é, construir o país segundo o livre comércio e transformá-lo em uma granja complementar das indústrias inglesas (1984, p.168).

O dualismo desenvolvimento/subdesenvolvimento já existia mascarado dentro da sociedade argentina, nas oposições litoral/Europa em relação ao interior/América do Sul. Por outro lado, estes símbolos de integração e de exclusão estão presentes em outros setores além do político. Quando Sarmiento escreve a obra-prima *Facundo* no

fim do século XIX e quando ele utiliza o subtítulo *A civilização e a barbárie*, ele assinala - certamente com preconceitos - uma Buenos Aires desenvolvida, européia, civilizada, racional e espiritual em oposição ao interior da barbárie irracional, dos *rosistas* que amarraram seus cavalos no obelisco do centro da cidade e das hordas sem escrúpulos, rebaixadas ao estado animal.

### 3 EVA PERÓN E A COMUNICAÇÃO DE CLASSE

O que acontecia com o tango, de que falávamos no início? O tango também mudava. Se era antes uma música de homens, diz Alicia Ortiz, as primeiras cantoras que tentaram colocar, a serviço do tango, suas vozinhas frágeis e sem jeito, todas úmidas ainda dos acordes da zarzuela, vestem-se de homens: “Travestidas de cantoras gorduchas, com a boca em coração, com trinados super-agudos, disfarçadas de gaúchos, com botas e chapéu, ou com um paletó cidadão acinturado, que elas desabotoavam para apoiar a mão, num gesto ‘viril’, sobre uma anca generosa” (1984, p. 41).

O tango era também um lugar onde se desvelava a perplexidade das pessoas em relação a mudanças de todos os tipos. A vida material estava em movimento, da mesma forma que a vida simbólica. Os *cabecinhas* negras do interior do país já tinham invadido a Buenos Aires civilizada de uma oligarquia que se cria mais européia que os imigrantes e os filhos dos imigrantes do norte da Itália, do sul da Espanha, do sul da Alemanha, da Rússia, da Polônia e da Inglaterra.

Esta perplexidade é expressa por um tango de Diescepolo, *El cambalache*:

“Que falta de respeito, que assalto à razão,  
Todo mundo é um senhor, todo mundo é um ladrão.”

Existia também essa perplexidade no domínio da política mas o sistema populista de governo acabava de encher o vazio criado por uma oligarquia com seu poder político erodido e uma burguesia ainda não forte o suficiente para exercer sozinha o poder. Era o resultado das pressões das massas urbanas ou das camadas populares (o populacho, segundo os liberais) que tinham pedido uma participação nessa negociação do poder. Elas já tinham obtido este direito de participação política pela lei Saenz Peña, de 1912, e o haviam exercido nas eleições de 1916, com o governo Radical de Yrigoyen. A volta ao poder da oligarquia através do golpe de Estado de 1932 foi chamada de *década infame* e vai de 1933 a 1943. Agora, com Perón, começava uma nova negociação.

Juan Domingo Perón e o peronismo queriam um Estado forte, acima das classes, que teria o papel de árbitro entre o capital e o trabalho. Este estado teve uma composição

social policlassista com o apoio majoritário das classes populares. Era autoritário, semi-corporativo, com uma tendência econômica industrial e nacionalista.

Para *conciliar* os interesses divergentes do capital e do trabalho, o peronismo estabeleceu ligações estreitas tanto com os empresários quanto com os trabalhadores. Implantou também um conjunto de agentes de transformação para agir a nível normativo e institucional e na dimensão retórica e simbólica do processo sócio-cultural.

A série de negociações e trocas entre o Estado e os atores principais (os trabalhadores e a burguesia) foi caracterizada por uma divisão de trabalho na esfera pública pelos dois líderes, Juan Domingo Perón e Eva Perón, ou seja, houve uma aparente partilha de poder que chegou a uma divisão complementar de trabalho. Na quarta parte deste estudo voltaremos a essa visão sexual de trabalho, que normalmente existe a nível micro ( a casa, o lar) para o nível macro (o Estado, o país).

Por ora, adiantaremos que Juan Perón se encarregou das negociações com a classe dirigente e Eva Perón com as massas. Assim, o peronismo criou diversas instâncias de transformação para tornar efetiva essa negociação que visava a mudança e a criação de uma nova hegemonia. Algumas dessas instâncias de negociação foram implantadas por Eva Perón enquanto que outras já existiam e foram reorganizadas.

Eva Perón, por outro lado, não tinha um papel determinado e suas atividades no sistema de governo constituíam um meio de comunicação entre o líder Perón e as massas. Altmann lembra que neste sentido eram importantes as ligações de Eva Perón com os níveis médios de poder e que ela realizava o trabalho de escolher pessoas de confiança para ocupar espaços nessas instâncias.

“Em seu traço específico, o papel de Eva Perón englobava mais funções políticas do que administrativas. Ela influenciou então de uma maneira freqüente e intensa a composição dos quadros administrativos mas sempre numa perspectiva e numa posição políticas. Ela atingiu seus objetivos e institucionalizou as vantagens e as sanções, as recompensas e os castigos, e ela marginalizou muitos líderes existentes no início do peronismo, como dirigentes trabalhistas e radicais renovadores” (Altmann, 1979, p. 107).

A fidelidade e a obediência eram os critérios de escolha desses quadros. Por outro lado, segundo Altmann, o papel de Eva Perón enquanto líder existia numa esfera onde ela podia utilizar uma linguagem emotiva e aparentemente razoável, o que lhe dava as características do tipo ideal de líder carismático de que fala Weber.

Vamos apresentar três exemplos onde essa função mediadora de Eva Perón aconteceu de forma intensa:

a) A Confederação Geral do Trabalho - CGT

Perón ganha as eleições de 1946. Eva Perón começa então a ter um papel

importante nas relações entre o Governo e os trabalhadores. Alguns dias depois que Perón se instala na Presidência, Eva Perón passa a ocupar uma sala na Secretaria do Trabalho, onde recebe delegações de trabalhadores, regula conflitos, concede favores e impulsiona as leis sociais (Béarn, 1975, p.49).

Ela torna-se a líder efetiva da CGT, que tinha, em 1948, 2 milhões de sócios, e que passa a 4 milhões por ocasião do Congresso Extraordinário de 1950. Ela exerce uma vigilância estreita da burocracia sindical, elimina com rara energia os opositores e dita a conduta do secretario geral da CGT, Jose Espejo.

b) Fundação Eva Perón

A Fundação de Auxílio Social Eva Duarte de Perón teve início em 1949, e seus recursos provinham de sobras de cada ministério e da entrega obrigatória de dois dias anuais dos salários dos trabalhadores ( 1 de Maio e 17 de Outubro), uma parte dos prêmios lotéricos, a ajuda do Estado e doações voluntárias - e frequentemente obrigatórias por parte das empresas.

É difícil, hoje, ter-se uma idéia da imagem representada pela fundação. Segundo Fraser; Navarro (1980), ela tinha tamanho e importância semelhantes aos de um ministério. A fundação era capaz, ela mesma, de projetar e executar seus trabalhos, impor suas prioridades ao Governo e até mesmo suspender outros trabalhos em curso no Estado, caso houvesse falta de matérias primas. Não existem números para se dar uma idéia da proporção ocupada pela fundação quando foi administrada por Eva Perón mas ela dispunha de um fluxo de caixa de 200 milhões de dólares em 1955 . Esse valor era talvez maior porque, em 1955, a quantidade de pesos que chegava aos 200 milhões de dólares tinha perdido muito de seu valor. Mas é certo que a fundação empregava 14.000 pessoas com dedicação exclusiva, dos quais 6.000 na construção civil e 26 padres, e adquiria, a cada ano, 400 mil pares de sapato e 500 mil máquinas de costura.

c) O Partido Peronista Feminino

No dia 20 de Julho de 1949, 6.000 membros do Partido Peronista que estavam no Luna Park ouviram um discurso de Perón e em seguida se dirigiram ao Teatro Cervantes para ouvir um discurso de Eva Perón sobre a necessidade de fundar um Partido Peronista Feminino.

Eva Peron esforçava-se há muito tempo para integrar as mulheres na vida política. Com algumas colaboradoras, ela prosseguiu com seus esforços e o partido político feminino é fundado no dia 26 de Julho de 1949.

As mulheres criaram nesse partido uma autonomia relativa no interior do movimento peronista, formando uma rede de unidade de bases que se confundia com o centro da Fundação Eva Perón. Mas para que servia um partido político se as mulheres não tinham direito ao voto? Eva Perón lança então uma campanha a favor do sufrágio feminino e consegue que a constituição de 1949 adote o princípio da igualdade cívica. Pela primeira vez, em 1951, as argentinas podem se dirigir às urnas. O reconhecimento do sufrágio feminino permite então ao regime a alargar sua base eleitoral e a consolidar sua posição.

## 4 EVA PERÓN E A COMUNICAÇÃO DE GÊNERO

O tango, tínhamos visto, supunha um espaço simbólico onde a masculinidade tinha um papel importante. E quando as primeiras cantoras tentaram colocar a serviço do tango “suas vozinhas frágeis e sem jeito”, ainda de acordo com a expressão de Ortiz, as vozes dominantes do tango tornaram-se mais graves, com Carlos Gardel, e depois com registros baixos, nos anos 40, quando a orquestra se italianizou, amplificando-se e usando instrumentos mais sonoros e mais corpulentos (1984, p. 40).

Por outro lado, essas mulheres se punham a serviço do tango mas igualmente na defesa de seus direitos. Eva Perón teve nesse movimento um papel importante. Vamos, portanto, analisar sua ação no contexto do gênero em duas partes. A primeira recobrirá os fatos e as negociações periféricas, com influências sobre a negociação principal. Depois, refletiremos sobre a questão de gênero proposta por Scott e suas relações com o populismo.

### 4.1 Negociações periféricas

A oligarquia liberal argentina afirma que no dia 17 de Outubro de 1945 aconteceram *aluviões zoológicos* e que a barbárie inculta invadiu a civilização da cidade de Buenos Aires. Eles marcharam sobre o espaço simbólico da Praça de Maio, escandindo slogans como *Alpargatas, sim; livros, não!* e eles pediram que Perón fosse posto em liberdade. Os sindicatos estavam surpresos com essa manifestação que ninguém tinha organizado, a não ser Eva Perón. Falou-se muito em reação espontânea das massas.

As mulheres, sempre ausentes da esférica pública argentina, entravam na ação política. Esta ação não tinha aparentemente uma relação de gênero. Mas pode-se dizer que defendendo Perón elas defendiam os salários e o nível de vida dentro da esfera



doméstica. Trata-se apenas de um exemplo de ações políticas das quais participam as mulheres. A respeito de ações semelhantes, unindo a consciência feminina e a ação coletiva, Temma Kaplan diz, ao analisar as manifestações de mulheres em Barcelona:

“A guerra das mulheres, de 1918, revela como o bem estar social e a consciência feminina estão intimamente relacionados. A insurreição era uma revolução da democracia direta na qual a vida cotidiana tornou-se um processo político e através da qual cresceu a consciência das mulheres [...] A crescente familiaridade das mulheres com repartições governamentais, onde iam apresentar propostas, trouxe-as para espaços físicos da cidade onde antes mulheres trabalhadoras raramente apareciam. Seu próprio movimento através deste espaço - dos bairros populares onde as donas de casa trabalhavam até os edifícios onde os homens do poder governavam - representou um alçar vôo da consciência, em que a divisão sexual do trabalho preparou-as para um esquema político mais amplo” (Kaplan, p.150).

Estas mulheres, esses homens e essas crianças sabiam também que não se tratava de representantes masculinos da C.G.T. que organizavam a manifestações de centenas de milhares de pessoas que ocuparam uma cidade mas uma mulher, Eva Perón. E quem era essa mulher? Essas pessoas já a tinham ouvido pelo rádio alguns meses antes, numa série de emissões populares da LR3 Rádio Belgrano. O rádio era então o meio de comunicação mais importante do país, sendo muito apreciadas as emissões de radioteatro. Evita fazia no rádio o papel de heroínas célebres da história: *Uma imperatriz chora*, sobre a vida de Carlota, filha do imperador Leopold I, da Bélgica, e esposa do imperador Maximiliano, do México; *Meu reino por um amor*, um melodrama sobre a rainha Elizabete, da Inglaterra: *Um anjo pára a cena*, sobre a vida de Sarah Bernhardt. Talvez também a tivesse visto em filmes de 1940, como, por exemplo, *A carga dos valentes*, *O cantor de Buenos Aires* e *O mais infeliz do povo*; *A cavalgada do circo*, de 1944; ou ainda *A pródiga*, de 1945 (Borroni: Vacca, 1970, cap.2). Ou tinham assistido às suas representações no teatro e em muitas reportagens da revista *Radiolandia*, sobre suas atividades como membro fundadora da Associação Argentina de Rádio e sua primeira presidente. Eles sabiam também que seu pai, prefeito de Los Todos, tinha recusado a dar seu sobrenome a sua filha ilegítima; que ela tinha vindo sozinha para Buenos Aires ; e que ela tinha vencido. Um ou dois anos mais tarde, eles poderiam saber que ela era a líder efetiva da C.G.T, que tinha comprado o diário *Democracia* e que os exemplares desse jornal eram avidamente disputados por causa das fotos do baile de gala do Teatro Colon, que a mostravam sorridente na capa. E enfim, que este jornal desencadeava uma luta contra outros centros de poder dentro do peronismo, como o Ministro de Relações Exteriores, Atilio Bramuglia.

Estes exemplos tem o objetivo de mostrar que a ação de Eva Perón numa

esfera pública até então masculina por tradição num país onde a divisão sexual do trabalho era muito acentuada. Nossa hipótese é que o exemplo de Eva Perón na esfera pública ajudou na tomada de consciência feminina dentro da esfera privada. Seguramente poderiam ser levantadas objeções no sentido de que estudar Eva Perón não tem o mesmo valor que estudar as mulheres em geral pois ela foi uma mulher excepcional e suas características não são representativas. No entanto, pensamos ser possível sustentar que a história é um resultado dos esforços coletivos e de conflitos entre classes e também que a vida pública de Eva Perón tem muita importância na história (Windschuttle, 1980). E, finalmente, não se trata aqui de uma biografia. Uma avaliação do que ela realizou na comunicação de gênero não é sempre exemplar, como poderemos ver na segunda parte desta seção.

## 4.2 Negociações centrais

Eva Perón facilitou a democratização política na Argentina em sua luta a favor do sufrágio feminino. Béarn diz até mesmo que seus traços feministas anunciaram, com vinte anos de antecedência, as reivindicações do M.L.F. e do Women's Lib. Eva Perón também organizou a Partido Peronista Feminino que tinha, em 1952, mais de 500 mil membros e 3.600 seções. Os 63% das vozes femininas nas eleições foram decisivos para a vitória de Perón em seu segundo mandato, iniciado em 1951. Essa entrada da mulher na esfera pública da política teve efeitos sobre a esfera privada. Eva Perón dizia: "Quando uma mulher faz política, o homem toma sopa fria" (Fraser; Navarro, 1980, p.108).

Ela tinha seu ponto de vista sobre a posição do homem e da mulher nas negociações de gênero. Eva sublinhava que para os homens, a humanidade é um problema social, político e econômico enquanto que para as mulheres, trata-se de um problema de criação.

"O homem não tem, como nós, uma relação pessoal com a humanidade. Para o homem, a humanidade é um problema social, econômico e político. Para nós, mulheres, é um programa de criação, como se cada ser humano representasse nossa própria dor e sacrifício" (Perón, 1952, p.291).

Quando cria o Partido Peronista Feminino ela diz que apenas as mulheres poderão salvar as mulheres mas ela diz também que apenas o líder Perón, único e indiscutível, as reúne.

"[...] Nós não podemos compreender que se possa fazer por um imperialismo, ainda menos por uma predominância econômica. Não compreendemos a guerra de conquista. Claro, sabemos que existem guerras pela justiça, mas

sabemos também que, até o presente, os homens nunca lutaram para defender essa causa” (Perón, 1952, p.291).

"[...] Eu penso também que só as mulheres salvarão as mulheres. Aí estão os motivos de minha decisão de formar o partido feminino fora da organização política dos homens peronistas. O mesmo líder, único e indiscutível, nos reúne totalmente, como também os grandes objetivos da doutrina e do movimento peronista. Uma só coisa nos separa: nós temos, nós, as mulheres, um objetivo que nos é próprio: o de redimir a mulher. Esse objetivo está na doutrina 'justicialista' de Perón, mas apenas nós podemos atingi-los" (Perón, 1952, p.292).

Os exemplos podem ser multiplicados. Se se trata do problema do divórcio, ela está segura da necessidade de união na retaguarda do Coronel Perón porque é ele quem devolverá a dignidade perdida das mulheres numa sociedade de ditadores masculinos (Tesselin, 1980, p.50).

Ou ainda, quando ela diz que tem um sentimento de ser a mãe dos descamisados ou seja, do povo. E finalmente quando ela define as relações de gênero de si mesma com Juan Domingo Perón, dizendo que ele tem a inteligência; ela, o coração. Ele, sabendo bem o que quer; ela, tendo disso o sentimento; ele, preparado para a luta; ela, disposta a tudo sem nada conhecer; Ele, possuindo a cultura; ela, a simplicidade. Ele, grande; ela, pequena; Ele, o mestre; ela, a estudante; ele, o rosto; ela, a sombra. E enfim que ele estava seguro de si mesmo enquanto ela estava segura apenas dele:

“Quando eu olho Perón tenho a impressão de ser o povo e eu me torno então fanática do General, e quando eu olho o povo eu sou a mulher do general e me torno então fanática do povo” (Taylor, 1979, p.91).

Ficou conhecida também a imagem de Eva Perón mostrada pelo jornal diário que lhe pertencia, o *Democracia*, no sentido de que seu trabalho devia acontecer em todos os setores, mas especialmente nos lugares onde sua presença fosse um elo de amor e de guarda da fé: nos lares, caixa de ressonância da nação.

Se acrescentamos a esses exemplos seu trabalho na Fundação Eva Perón estamos em posição de dizer que houve uma extensão da esfera doméstica da maternidade, da reprodução biológica e ideológica sobre a esfera pública da política, do poder e do mundo do trabalho. John Dos Passos, o famoso escritor norte-americano, foi enviado pela revista *Time* a fim de fazer uma reportagem sobre essas atividades de Eva Perón na Fundação. Ele relata o que viu em 1949 em uma dessas tardes de trabalho na fundação:

“In a small office with red-damasked walls were rows of benches packed with ragged-looking women and children facing her desk. Babies squawked. Everybody talked at once. The Senora’s desk was set up under floodlights beside a big, bronze oversize bust of some hero of Argentine independence. The corridor outside was full of people waiting to get a glimpse of the Senora. When she finally arrived the floodlights were turned on and there was a great crush of cameramen in the narrow room. Distinguished visitors were posed in a admiring group behind the Senora’s handsome blonde head as she leaned over her desk to listen to the troubles of the poor women with their teargrimmed children.

‘She’s too thin,’ one of the women was muttering aloud. ‘That woman’s working herself to death.’

At the end of each hard-luck story the Senora reached with jewelled fingers under the blotter on the desk and took out two fifty-peso notes. Then she made out with a rapid scratch on a pink slip an order for a doctor or a doll for the baby girl...

When a delegation of businessmen appeared with a check in five figures for the Senora’s foundation, all other business was suspended while the cameramen posed the group. The check had to appear in the photograph. The Senora’s white hand was held out to receive it. The leader of the delegation was presenting it with a deferential bow...” (Fraser; Navarro, 1980, p.122).

E poder-se-ia perguntar se a divisão sexual do trabalho na esfera pública política (Juan Perón tratando de assuntos com a classe dirigente e Eva Perón com seu povo-filho bem amado) não assinala um desdobramento da esfera pública sobre a esfera privada. Estes argumentos podem ir mais longe, se nos dermos conta de que a vida simbólica na Argentina dos anos 40 e 50, quando a oligarquia realçava sua identidade em relação às massas populares. Julie Taylor, nesse sentido, tem um estudo detalhado das imagens e mitos criados pela imprensa e pela intelligentsia anti-peronista (Taylor, 1983, p. 445-472).

Os "cabecinhas negras" representavam os baixos instintos animais, a falta de cultura, a inferioridade, a falta de inteligência, a lascívia, a ausência de controle das emoções, ou seja, tudo o que diziam de Eva Perón e das mulheres daquela época e tudo o que se diz hoje das mulheres e dos povos do Terceiro Mundo - sejam as imagens dominantes de gênero, sejam as imagens dos grupos dominantes dirigidas às classes subalternas dentro desses países. Ou finalmente, a imagem desses países no imaginário simbólico da Europa e dos Estados Unidos.

## 5 CONCLUSÕES

As imagens que cercam Eva Perón nos anos 40 e no começo dos anos 50 foram, em parte, criadas pelo aparelho de propaganda peronista e são coerentes com a ideologia populista. Por outro lado, essas imagens revelam a ação de uma mulher que participou ativamente da esfera pública.

As relações do líder Juan Domingo Perón com as massas no sistema populista de Governo tiveram características carismáticas, paternalistas e autoritárias. Este paternalismo se traduziu nas relações de gênero entre Eva Perón e Juan Domingo Perón por um acentuado modelo patriarcal; este modelo atravessou e recuperou parcialmente as ações *feministas* de Eva Perón e desviou seu trabalho ao lado dos trabalhadores para uma espécie de esfera pública minada pela esfera doméstica, onde as massas e os trabalhadores tornavam-se crianças; o país, o lar; e a líder Eva Perón, a mãe reprodutora e nutriente na instância ideológica.

Sabe-se que Eva Perón disse ser perigoso transpor para a Argentina o modelo de lutas e objetivos feministas europeus ou norte-americanos porque essa transposição significaria a aceitação das regras do imperialismo. Por outro lado, a Terceira Posição escolhida por Perón opunha-se a todo tipo de imperialismo, nele cabendo também as lutas pelos direitos das mulheres. Podemos avançar que se o populismo foi um obstáculo a uma tomada de consciência dos trabalhadores quanto à busca de uma identidade (a passagem da classe em si à classe para si) ele foi também um obstáculo à tomada de consciência das mulheres em sua condição de mulheres.

Consideramos claro um último ponto: à parte esses obstáculos, os anos de Eva Perón chegaram ao fim quando as mulheres já exerciam seu direito de voto e desenvolviam ações coletivas no espaço público da política.

E quanto à música? Bem, o tango tentou sair de sua rotina lamurienta, com Piazzola nos anos 70, e também com um espírito positivo, antinostálgico e antipessimista, insuflado por cantoras como Susana Rinaldi (Ortiz, 1984, p.41). E é bom não esquecer o que se diz de suas origens, isto é, o tango era, no começo, uma dança de homens, onde um cavalheiro de aspecto feroz criava sobre a cena musical uma coreografia viril, com outro cavalheiro, de aspecto igualmente feroz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALTMANN, W. **El proyecto nacional peronista: 1943-1955**. Mexico : Editorial Extemporaneos, 1979.

- 2 BÉARN, G. **La década péroniste**. Paris : Gallimard, Julliard, 1975.
- 3 BORRONI, O. ; VACCA, R. **La vida de Eva Perón**. Buenos Aires : Galerna., 1970. V.1: Testimonios para su historia.
- 4 FEINMANN, Juan Pablo. **Estudios sobre el peronismo**. Buenos Aires : Legasa, 1984.
- 5 FRASER, N.; NAVARRO. M. **Eva Perón**. Londres : Andre Deutsch, 1980.
- 6 GEERTZ, Clifford. **Local knowledge**. New York : Basic Books, 1983.
- 7 KAPLAN, Temma. **Female consciousness and collective action: the case of Barcelona, 1910-1918**. New York : Routledge, [19\_\_?].
- 8 ORTIZ, Alicia D. **Buenos Aires**. Seyssel : Editions du Champ Vallon, 1984.
- 9 PERÓN, Eva. **La raison de ma vie**. Buenos Aires : Pensador, 1952.
- 10 SCOTT, Joan. Genre: une catégorie utile d'analyse historique. In: **Les Cahiers du G.R.F. Le genre de l'histoire**. Paris : Editions Tierce, 1988.
- 11 TAYLOR, J. Flexibilidade na ideologia de gênero. O caso argentino. In: DURHAM, E. et al. **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio : Zahar, 1983.
- 12 TAYLOR, Julie. **Eva Perón, the myths of a woman**. Chicago : The University of Chicago Press, 1979.
- 13 TESSELIN, B. **Evita et Isabelita Peron: deux femmes pour un dictateur**. Montréal : Presses de la Cité, 1980.
- 14 WEFFORT, F. **O populismo na política brasileira**. Rio : Paz e Terra, 1978.
- 15 WINDSCHUTTLE, Elizabeth. **Women, class and history**. Melbourne : Fontana, Collins, 1980.